

Etarismo e livro didático de matemática: práticas performáticas que instituem um (não) lugar à mulher idosa

Ageism and mathematics textbooks: performative practices that establish a (no) place for the elderly woman

Renata de Moraes Candia¹

José Wilson dos Santos²

RESUMO

Inspirados nos conceitos de governamentalidade, de Michel Foucault, e na Cultura da Performatividade, de Stephen Ball, este artigo propõe uma investigação a fim de analisar e descrever o modo como práticas discursivas movimentadas em livros didáticos de Matemática constituem a mulher idosa em nosso país. A partir de uma prática cartografia, analisamos imagens e mensagens presentes em uma coleção de livros didáticos de Matemática do Ensino Fundamental I. Os dados evidenciam uma representação diminuída quando comparada a figura masculina de mesma faixa etária, evidenciando seu não lugar no livro didático e reforçando uma cultura baseada no patriarcado. Mais que isso, as poucas referências à sua presença no material analisado limitam sua atuação ao ambiente e afazeres domésticos, fato que, contornando a avaliação pedagógica do Programa Nacional do Livro Didático, evidencia elementos do etarismo, preconceito direcionado à pessoa idosa com base em julgamentos que tem como parâmetro a idade.

Palavras-chave: Educação Matemática. Governamentalidade. Gênero.

ABSTRACT

Inspired by the concepts of governmentality, by Michel Foucault, and Culture of Performativity, by Stephen Ball, this article proposes an investigation to analyze and describe the way in which discursive practices are used in specific Mathematics textbooks for elderly women in our country. . Using practical cartography, we analyzed images and messages present in a collection of Mathematics textbooks for Elementary School I. The data show a diminished representation when compared to the male figure of the same age group, highlighting their non-place in the textbook and reinforcing a culture based on patriarchy. More than that, the few references to its presence in the analyzed material limit its action to the environment and domestic actions, a fact that, bypassing the pedagogical evaluation of the National

¹ Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal da Grande Dourados. Email: renatinha.candia@hotmail.com. Link do Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0897-1093>

² Pós-doutorando pela Universidade de Santiago de Compostela na Espanha (2024). Doutor e mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email: josewsantos@ufgd.edu.br. Link do Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7410-7252>



Textbook Program, highlights elements of ageism, prejudice directed at the elderly based on judgments, which has age as a parameter.

KEYWORDS: Mathematic Education. Governmentality. Gender.

Considerações Iniciais

As pesquisas que envolvem o livro didático vêm crescendo nas últimas décadas, principalmente após o advento do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que unificou, em 2017, as ações do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Grande parte destas pesquisas tem foco em propostas metodológicas, no modo como os autores propõem exercícios, na história da Matemática apresentada etc. Entretanto, ainda que timidamente, nos últimos anos vemos surgir novas propostas de pesquisa, principalmente ligadas às teorizações foucaultianas e a outros referenciais pós-modernos que deslocam o olhar para o modo como questões morais e sociais estão presentes nessas obras (Santos, 2021).

Sob esta nova perspectiva, conforme assegura Santos (2021), o livro didático de Matemática deixa de ser visto como um instrumento neutro, livre de relações de poder, e passa a ser entendido como um produto do **edubusiness**, ajustado e comprometido com o mercado produtivo e a manutenção dos grandes grupos educacionais.

Desta forma, o livro de Matemática e sua produção são inseridos num jogo de poder, sendo “[...] cercado por uma aleturgia que assegura, por meio de práticas discursivas que instituem o verdadeiro, as condições para sua implantação e constituição, ao mesmo tempo em que induz ao governo dos outros e de si” (Santos, 2019, p. 257). Tais relações fazem com que o esse material se constitua como “[...] peça fundamental no jogo de verdades, atuando como ferramenta de saber e de poder que constrói e/ou propaga discursivamente o verdadeiro e o falso, que normaliza condutas e constitui um sujeito [...]” (Santos, 2019, p. 19).

Se entendemos o livro didático de Matemática como um instrumento na rede de poder que conduz a uma governamentalidade neoliberal, de que modo este instrumento mobiliza discursos que envolvem a mulher idosa no Brasil?

Uma hipótese que temos é a de que o questionamento apresentado teria sentido assegurado na prevalência de uma sociedade brasileira pautada no patriarcado, cultura pautada na diferença

[...] dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros. (Bourdieu, 2012, p. 20).

Essa diferença, bem como a problemática que dela deriva, se acentua ainda mais ao considerarmos a tendência de envelhecimento da população brasileira. Dados do IBGE (2023) apontam que existe uma expectativa de que até 2032 teremos um aumento de 14,34% da população idosa do país e a previsão de expansão no número de mulheres maior que a dos homens, visto que,

Em todos os países do mundo nascem mais homens do que mulheres, geralmente em uma proporção de 105 nascimentos de meninos para cada 100 meninas, a chamada razão de sexo ao nascer. Como a mortalidade dos homens é maior para cada idade, a proporção de homens tende a diminuir com o aumento da idade (IBGE, 2015, p. 12).

Ora, se juntarmos, de um lado, o fato de que reunimos na sociedade brasileira um discurso patriarcal de que “[...] as mulheres estão inclinadas ao lar e às tarefas domésticas, devido a características intrínsecas (delicadeza, docilidade, sensibilidade, entre muitas outras) [enquanto] os homens, dotados de maior força física, são naturalmente agressivos, racionais, aptos ao espaço público” (Romfeld, 2015, p. 220), e do outro o fato de que as mulheres, frutos desta mesma sociedade, estão envelhecendo em um ambiente no qual são comumente vistas como dependentes dos homens (Tonini, 2002), a questão se torna ainda mais preocupante. E a busca por entender como o livro didático de Matemática se adequa ou se furta a essa questão dá origem ao nosso problema de pesquisa: de que modo o livro didático de Matemática contribui para a representação da mulher idosa brasileira?

Balizados pela questão apresentada, propomos como objetivo analisar e descrever o modo como os livros didáticos de Matemática movimentam práticas discursivas que constituem um lugar específico, bem como um modo de ser e de ver a mulher idosa em nosso país.

Aporte Teórico

De acordo com o objetivo proposto e a questão-problema, os referenciais teóricos que sustentam esta pesquisa têm inspiração nos conceitos de governamentalidade e cultura da performatividade.

Foucault define a governamentalidade como “[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, reflexões e análises, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa de poder que

tem por alvo a população [...]” (2008, p. 143). Sob esta perspectiva, a governamentalidade pode ser entendida como mais um tipo de poder, que direcionado à população “[...] impõe a competição como instrumento regulador da sociedade, transformando indivíduos em empreendedores de si” (Santos, 2019, p. 30), num movimento de condução da conduta, de gerenciamento da vida. Visando o sucesso desejado, é preciso governar a si e ao outro.

Aliada à governamentalidade, a cultura da performatividade, segundo Ball (2005), é utilizada também como método de regulação da conduta dos sujeitos na busca pela melhor performance. Trata-se de uma cultura de produção na qual o sujeito é impelido a produzir sempre mais, melhor e em menos tempo, buscar a eficiência máxima, extrair cada vez mais de sua força produtiva. Nesse processo, os “[...] sujeitos assumem a responsabilidade de aperfeiçoar-se constantemente visando sua colocação no mercado [...]” (Santos, 2019, p. 58-59).

Nesta pesquisa, buscamos articular esses dois conceitos, na busca por identificar a forma como estas culturas interferem no modo como a mulher idosa é representada nos livros didáticos de Matemática, visto que:

[...] a governamentalidade neoliberal se dá na inserção da sociedade, do público e do privado, no perpétuo jogo de desigualdades, da concorrência como uma estrutura reguladora/potencializadora da economia, da implantação de uma cultura da performatividade e, de modo particular, do empresariamento da vida (Santos, 2019, p. 244).

Nessa perspectiva, o neoliberalismo impõe a todos uma sociedade da produção, incitando-nos a “[...] trabalharmos em relação a nós mesmos, a melhorarmos a nós mesmos e a sentirmo-nos culpados ou inadequados se não o fizermos.” (Ball, 2014, p. 66).

Sob esta compreensão, pessoas idosas podem ser vistas como aquelas que já não possuem mais saúde ou vigor físico, estímulo, ou mesmo padrão estético necessário para manter-se no mercado de trabalho ou ocupar esses espaços laborais, de lazer ou de influência social, sendo relegadas a outros lugares, a não lugares, uma vez que, conforme argumenta Grossberg (1997, p. 94), o pensamento da Modernidade “[...] não é apenas binário, mas um tipo particular de máquina produtora de binários, onde os binários tornam-se diferenças constitutivas em que o outro é definido por sua negatividade.”

Entendemos desta forma que o pensamento moderno concentra em uma só rede estratégias da cultura da performatividade e da governamentalidade, constituindo um exercício “[...] cujo timbre e intensidade são ajustados a cada momento e lugar,

visando potencializar os efeitos de poder e alcançar maior eficiência.” (Santos, 2019, p. 258).

Uma vez que o livro didático de Matemática está imerso nessa rede de poder, buscamos refletir sobre seus possíveis efeitos sobre a população estudantil, sobre sua capacidade de governar/produzir sujeitos alinhados a essa cultura, sob o risco de naturalizarem o etarismo, preconceito contra pessoas idosas baseada em julgamentos sociais cotidianos que têm como parâmetro único a idade, ainda que o neguemos conscientemente (Macnicol, 2006).

Segundo Goldani (2010, p. 413), “[...] como em muitas sociedades ocidentais, o preconceito etário no Brasil ocorre nas famílias, nos órgãos governamentais, no sistema de saúde, nos mercados de trabalho assalariado e em toda a mídia”.

Cabe ressaltar que é vedado aos livros didáticos a circulação de “[...] estereótipos e preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade, de linguagem, religioso, de condição de deficiência, assim como qualquer outra forma de discriminação [...]” (MEC, 2017a, p. 30), sob pena de reprovação da obra, cabendo:

[...] aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente, [...], processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso, [...] educação em direitos humanos [...] (MEC, 2017b, p. 19).

Fica explícito, portanto, que não somente os livros devem estar isentos de qualquer tipo de preconceito, mas, para além disso, é atribuição da escola e dos sistemas educacionais incorporarem ao currículo escolar propostas educativas que englobem o conhecimento dos processos de envelhecimento, os direitos civis e a valorização do idoso como pessoa humana.

Todavia, resistindo a essas regulamentações, o etarismo que percorre todo o tecido social, esgueirando-se sorrateira e “sutilmente” por meio de instituições que deveriam combatê-lo, evidencia a compreensão de que o poder e seus efeitos não se dão de forma impositiva, mas dissimulada, não no centro, mas na periferia, em suas formas mais regionais, capilares, como micropoderes (Foucault, 2008), influenciando crianças, jovens e adultos e impondo-lhes uma forma enviesada de conceber a pessoa idosa em nossa sociedade.

Em suma, o que se observa é uma estreita relação entre governamentalidade, performatividade e etarismo, induzindo na população, e nesse caso específico, nos

estudantes mais jovens, um modo específico de conceber a mulher idosa, à medida que exalta de modo programado as características de uma sociedade jovem, desconsiderando a população de idosos existente e ativa, bem como o fato de que o país caminha para uma sociedade cada vez mais “envelhecida”, haja vista a expansão de 39,8% no número de idosos no país apenas nos últimos nove anos, segundo IBGE (2023).

Esta valorização de aspectos presentes na juventude em detrimento da população idosa apresenta sérias consequências para este segundo grupo, uma vez que:

[...] a veneração da juventude pela maioria das sociedades ocidentais costuma fazer do envelhecimento um objeto de vergonha, ridículo, de desgosto. Em indústrias extremamente voltadas para os jovens, como o entretenimento e a tecnologia computacional, os funcionários que já passaram dos 30 anos são vistos como “acabados”. Nos locais de trabalho, funcionários mais velhos, às vezes, não são contratados ou promovidos porque os patrões costumam acreditar que serão menos flexíveis e competentes do que aqueles mais novos. Num sistema que valoriza o lucro acima de tudo, os empresários costumam optar por substituir funcionários mais velhos, mais experimentados e mais bem pagos por uma mão de obra mais barata e mais jovem (Goldani, 2010, p. 413-414).

Como se pode observar, performatividade e etarismo atuam em perfeita sincronia, e é justamente nesse ponto que nossa pesquisa ganha centralidade, à medida que promove tensionamentos sobre a forma como a mulher idosa está sendo representada nos livros didáticos de Matemática. Considerando uma sociedade que exalta “a melhor performance”, cujos critérios são pautados na cronologia da vida, qual será o lugar reservado à mulher idosa nesta sociedade?

Entendemos que situar o espaço da mulher idosa na sociedade brasileira envolve um duplo preconceito, um por ser idosa e outro por ser mulher, sendo que, em alguns casos, poderia ser triplo, se considerássemos ainda a posição social feminina, o que nos remete a uma discussão sobre o gênero, à qual não gostaríamos de nos furtar, uma vez que não se trata de “[...] primeiro ter o poder e então ser capaz de agir; algumas vezes é uma questão de agir, e na ação, reivindicar o poder de que se necessita.” (Butler, 2018, p. 41).

Desta forma, nossa pesquisa se coloca como um gesto também de ação/reivindicação em defesa do espaço da mulher e da mulher idosa na sociedade, uma vez que:

Se o gênero é uma construção social, então devemos examinar os vários locais culturais/arquitetônicos onde foi construído, e devemos reconhecer que vários atores localizados (agregados, grupos, partes

interessadas) faziam parte da construção. Devemos ainda reconhecer que, se o gênero é uma construção social, então houve um tempo específico (em diferentes locais culturais/arquitetônicos) em que foi “construído” e, portanto, um tempo antes do qual não o foi. Desse modo, o gênero, sendo uma construção social, é também um fenômeno histórico e cultural. Consequentemente, é lógico supor que, em algumas sociedades, a construção de gênero não precise ter existido. (Oyewùmí, 2021, p. 58).

Uma vez entendido que o gênero e as questões que dele derivam – como o entendimento de que historicamente aos homens estão reservados os espaços políticos e corporativos, enquanto à mulher cabe cuidar do lar e o trabalho doméstico – são construídos, cabe apontar que essa construção é reforçada nos discursos mobilizados por materiais curriculares, atuando no governo da população estudantil, conforme debatido por Ó (2009, p. 111). Segundo o autor:

Os mecanismos disciplinares da direção e da confissão viram-se misturados na escola por forma a que todos os aspectos relacionados com a intimidade dos alunos fossem seguidos até às ramificações mais delicadas. Neste tipo de organização que temos historicamente vindo a construir, há uma mecânica de governo que faz com que a criança e o adolescente trabalhem a memória, o entendimento, a vontade e o desejo numa mesma sequência lógica. De facto, espírito e corpo são simultaneamente apresentados como realidades plásticas e moldáveis [...] e, ao mesmo tempo, realidades plenamente constituídas, em que cada sujeito está incumbido da missão de descobrir a raiz, as ramificações e as deslocações dos seus pensamentos e fantasias súbitas. Desvendar mas também revelar, relatar. Seja sob a forma oral ou escrita, o aluno está da mesma forma vinculado ao domínio raciocinado das matérias curriculares (Ó, 2009, p. 111).

Em consonância com o autor, entendemos que, ao utilizar o livro didático de Matemática como um dos principais recursos para o ensino, a escola faz circular discursos que instituem o verdadeiro de cada época, aquilo que se entende mais adequado à proposta neoliberal que, ao determinar a cada sujeito um lugar no processo produtivo por meio da exaltação à concorrência e à competitividade, também exclui aqueles que, sob essa lógica, são vistos como mais lentos, biologicamente ultrapassados, incapazes ou inadequados.

Movimento Metodológico Da Pesquisa

O processo de construção de uma pesquisa de maneira alguma pode ser traduzido pela organização linear que a escrita pode deixar transparecer. Trata-se antes de um movimento caótico

[...] em que linhas de força atuam como se uma suposta natureza transcendental determinasse uma ordem geral às coisas, exigindo rigor, assertividade e formalidade que, nem de longe, expressam o complexo processo que leva a um conhecimento novo. Escrever

academicamente envolve processos e relações de poder [...]” (Santos, 2011, p. 110).

Em concordância com o autor, entendemos que sob uma perspectiva foucaultiana não há um caminho pré-determinado para a construção da pesquisa, compreensão esta que nos levou a optar por praticar uma cartografia, conforme proposto por Kastrup (2007), possibilitando um olhar em busca do que ainda não estava perceptível nos livros didáticos de Matemática.

A cartografia, segundo Kastrup (2007, p. 15), “[...] é um método formulado por G. Deleuze e F. Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção”.

No caso desta pesquisa, visamos acompanhar a forma como uma coleção de livros didáticos de Matemática escrita por Luiz Roberto Dante para o Ensino Fundamental I representa/constitui a mulher idosa.

Nossa opção metodológica leva em conta o fato de a cartografia diferir de outras propostas nas quais a meta aponta ou define o caminho: no processo cartográfico, o caminho é estabelecido no percurso, ao longo do qual vão se clareando as metas. Segundo Passos e Barros (2009, p. 17),

O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um hódos-metá. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados.

Desta forma, realizamos voos e sobrevoos em busca de objetos que despertam nossa atenção, seguindo o fluxo do pensamento que, de acordo com Kastrup (2007, p. 16), é comparado “[...] ao vôo de um pássaro que desenha o céu com seus movimentos contínuos, pousando de tempos em tempos em certo lugar”.

Segundo a mesma autora, o trabalho do cartógrafo deve considerar quatro variedades do funcionamento atencional; o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

A primeira variedade denominada de rastreio “[...] é um gesto de varredura do campo. Pode-se dizer que a atenção que rastreia visa uma espécie de meta ou alvo móvel” (Kastrup, 2007, p. 18). Em nossa pesquisa, o rastreio caracterizou-se como o momento da seleção dos livros didáticos de Matemática. Após a definição da temática da pesquisa, optamos por analisar a coleção mais vendida à rede pública de ensino, considerando que esta atingiria um número maior de alunos e professores.

Optamos, então, pela coleção Ápis Matemática Ensino Fundamental – Anos Iniciais, de autoria de Luiz Roberto Dante, disponibilizada no PNLD de 2019 – Ensino Fundamental I, destinada a crianças de 6 a 10 anos de idade (1º ao 5º anos). A escolha do nível de ensino considera ainda o fato de abarcarmos um momento crucial na vida do estudante, no qual seus conceitos estão sendo formados, sendo fundamental analisar de que forma o livro de Matemática poderá contribuir nesse processo.

Passamos então à segunda variedade atencional, o toque, que “[...] é sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção.” (Kastrup, 2007, p. 19). Nesse processo, uma vez escolhido o material foco de nossa análise, iniciamos a busca pela versão física dos livros didáticos de Matemática em escolas da rede pública. Com a coleção em mãos, realizamos um sobrevoo ainda panorâmico sobre as atividades, visando, durante o processo, sentir os elementos da obra que despertavam nossa atenção e, posteriormente, a seleção primeira do material que comporia a pesquisa.

Após a análise inicial, passamos à terceira variedade de atenção do cartógrafo, o pouso, intencionando uma análise mais pontual das imagens selecionadas a fim de encontrar formas de construir possibilidades, de “[...] colocar novos focos de luz sobre as ‘coisas’”, de aproveitar as cintilações novas, os clarões, os reflexos para ver ali, onde antes tudo era certeza, novos objetos.” (Bujes, 2002, p. 31). Nesse percurso, notamos que a obra não apresentava textos, atividades ou orientações que remetiam à mulher, e decidimos então tomar as imagens como foco de nossa atenção. Posteriormente, realizamos a contagem daquelas que evidenciavam homens e mulheres idosos para uma possível comparação, bem como os volumes e contextos em que tais imagens se inseriam.

Passamos, então, à quarta e última variedade atencional elencada, o reconhecimento atento, processo no qual o cartógrafo “[...] realiza um trabalho de construção. Percorrendo múltiplos circuitos em sucessivos relances, sempre incompletos, realiza diferentes construções, cujo resultado é um reconhecimento sem modelo.” (Kastrup, 2007, p. 21). Segundo a autora, a atitude do cartógrafo é essencial para não cair na tentação de querer definir o que é o objeto analisado, mas sim o que está acontecendo e de que modo é possível compor com ele.

Nesse momento do percurso cartográfico, debruçamo-nos sobre a análise das únicas duas imagens de mulheres idosas de toda a coleção. Tal fato revela-se intrigante, principalmente ao se comparar ao número de pessoas jovens presentes na

obra ou mesmo de homens de mesma faixa etária, o que fornece indícios de que não somente a questão etária teria centralidade no trabalho, mas também a questão de gênero, evidenciando o modo como em um processo cartográfico a pesquisa vai tomando forma à medida que se caminha e desbrava o território antes desconhecido.

Análise

Ao considerar a presença da mulher idosa nos livros didáticos de Matemática, cabe ressaltar o modo como seu corpo é capturado pelas relações de poder, afinal “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.” (Foucault, 2014, p. 134).

Com o livro didático (LD) não é diferente. Vemos nele movimentados discursos que constroem gradativamente uma forma de ver/ser mulher idosa no Brasil baseados em princípios neoliberais alinhados a uma ‘bio-lógica’, contrariamente ao que pode ser observado, por exemplo, em algumas culturas africanas, onde comumente as mulheres mais velhas são consideradas as mais sábias, portadoras da experiência e da memória de sua linhagem e, por isso, assumiam a função de autoridade “[...] sobre seus(suas) descendentes, incluindo qualquer baálè³ que fosse de sua prole. Elas eram conhecidas coletivamente como àwọn ìyá (as mães), e nenhuma decisão coletiva importante poderia ser tomada sem sua participação individual e como grupo.” (Oyewùmí, 2021, p. 149).

Uma vez estabelecidas as compreensões, frisa-se, de que o gênero e os espaços destinados à homens e mulheres são uma construção social, bem como o fato de que a escola e a sociedade impõem discursivamente a verdade de cada época visando interesses específicos, apresentamos a seguir alguns elementos de nossa análise.

Vejamos, inicialmente, na Tabela 1 o percentual de homens e mulheres idosos no Brasil, bem como as respectivas representações na obra analisada⁴.

³ Cabeça ou chefe da família.

⁴ No Brasil, são consideradas idosas as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL 2003). Na coleção de livros didáticos analisada, tal identificação objetiva não é possível, tendo sido realizada por “marcas identitárias”.

Tabela 1 – Percentual de pessoas no Brasil de acordo com o gênero e a faixa etária		
Grupos	% Brasil	% nos Livros Didáticos de Matemática analisados
Homem Idoso (60 +)	6,85%	2,77%
Homem não idoso (0-59)	42%	50,43%
Mulher Idosa (60 +)	8,72%	0,36%
Mulher não idosa (0-59)	42,43%	46,44%
Total	100%	100%

Fonte: elaborada pela autora com dados do IBGE (2023).

Os dados apontam para a invisibilização da mulher idosa, não somente porque o número de imagens é irrisório quando comparado à imagem de jovens ou mesmo de homens idosos, mas também porque difere significativamente da presença da mulher idosa na sociedade brasileira à qual pertence o estudante que utiliza os livros em análise.

Ora, há que se considerar ainda o duplo preconceito em relação à mulher idosa, evidenciando a prática do etarismo, bem como do preconceito de gênero, uma vez que, em uma coleção de cinco livros didáticos, encontramos, repita-se, apenas duas imagens de mulheres idosas. Afinal, qual a razão do “apagamento” das mulheres idosas no livro didático de Matemática? Se esse número difere drasticamente da presença da mulher idosa em nossa sociedade, tal invisibilidade se dá a serviço do que ou de quem?

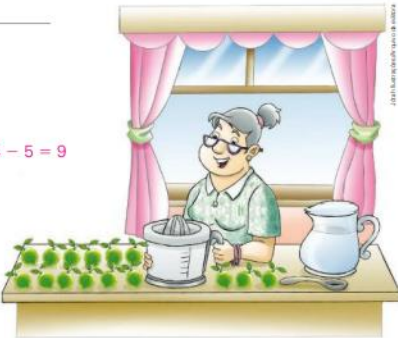
Sob este parâmetro, realizamos nossas análises das duas imagens (Figura 1, a seguir, e Figura 2, mais adiante) buscando perceber a forma como a sociedade – por meio dos livros didáticos de Matemática – governa a maneira de enxergar a representatividade da mulher idosa, reforçando as limitações, proibições ou obrigações a ela instituídas, a partir do que vimos argumentando.

Figura 1 – A mulher idosa/Afazeres domésticos

12 Para fazer os refrescos da festinha de sua neta, dona Elvira vai precisar de 2 dúzias de limões. Como ela já tem 15 limões, de quantos mais ela vai precisar? 9 limões.

$$\begin{array}{r} 12 \\ + 12 \\ \hline 24 \end{array}$$

$24 - 15 = ?$ $24 - 10 = 14$ e $14 - 5 = 9$



cento e vinte e sete **127**

Sugestão de atividade

- Promova uma atividade de culinária e de educação alimentar e nutricional fazendo com os alunos um refresco de limão. Converse com eles sobre os ingredientes que são necessários para a receita e sobre a importância de consumir frutas, por exemplo, em sucos naturais, e de evitar o consumo excessivo de açúcar.

Atividade 12

Nesta atividade, os alunos precisam, inicialmente, considerar quantos limões há em 2 dúzias. Em seguida, eles devem calcular quantos limões faltam em 15 limões para completar essa quantidade.

É possível que muitos deles resolvam mentalmente. Peça a eles que expliquem como resolveram; o exercício de explicar o raciocínio colabora com o desenvolvimento do pensamento matemático.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Ativar o Windows
Acesse Configurações

Fonte: Dante (2017, p. 127; Jótah Ilustrações).

Em consonância com Neto e Guida (2020, p. 9), entendemos que compreender o currículo “[...] implica assumir sua potência para produzir, moldar e fortalecer as marcas identitárias de gênero, fortemente atreladas a um discurso biológico que clama pelo natural e instintivo para circunscrever acerca do ser feminino”. Observe que a ideia presente na imagem da Figura 1 aponta para essa vontade de normalização da imagem do ser feminino, tornando quase imperceptíveis atitudes que, de tão naturalizadas, poderiam facilmente apresentar-se como inocentes, como uma “senhorinha” meiga preparando um suco para a festinha da neta.

Todavia, a imagem carrega marcas identitárias que serão incutidas na mente dos pequenos estudantes, que, por sua vez, as replicarão mais adiante, robustecendo a ideia de que a mulher idosa é alguém com sobrepeso, cabelos brancos, que já não enxerga tão bem (por isso precisa de óculos) e que, por estar fora do mercado de trabalho e não possuir obrigações, ficará feliz em cumprir as tarefas domésticas e agradar aos filhos e netos.

Tal imagem se contrapõe àquilo que já evidenciamos no início desse artigo: o fato de 34% dos lares brasileiros serem dependentes de 70% da renda dos idosos. Para além disso, vemos uma expansão vertiginosa no campo da indústria do turismo e da beleza com foco na pessoa idosa, ou seja, se pessoas nessa faixa etária trabalham, viajam, cuidam do visual, por que razão os livros didáticos de Matemática continuam a restringi-las ao ambiente do lar e ao cuidado com a família? Por que razão a obra em questão não apresenta qualquer orientação ao professor sobre a

necessidade de discutir estas questões, colocando em prática o que prevê a BNCC, no que tange as discussões sobre os direitos dos idosos, ao processo de envelhecimento e à prevenção dos preconceitos? (MEC, 2017b).

Entendemos que se trata de uma estratégia – presente no livro didático de Matemática – que coloca em funcionamento uma premissa do poder disciplinar, que é a sua capacidade de “[...] relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir (Foucault, 2014, p. 179).

Sob estas bases, instituem-se os princípios de diferenciação e classificação na cabeça de crianças que estão ainda em fase de formação da sua personalidade – conforme sustenta o próprio PNLD 2019 (MEC, 2017a), conduzindo-as a compreender que sua presença no mercado de trabalho tem data de vencimento, que precisarão dedicar a este o máximo de suas forças, sua melhor performance, pois, ao atingirem certa idade, serão necessariamente conduzidas ao espaço doméstico.

É fato que muitos homens e mulheres se ocupam de funções domésticas em qualquer idade e, possivelmente, com mais ênfase na “velhice”. Mas o que questionamos é tal possibilidade ser apresentada como a única forma possível, impondo ao sujeito um modo verdadeiro de ver, determinando o lugar “correto”, ou ainda, conforme Foucault, criando as condições para que os sujeitos se diferenciem uns em relação aos outros, fazendo-o “[...] funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto.” (Foucault, 2014, p. 179).

Tal prática coloca o livro didático como instrumento de governo em um jogo de poder que “[...] produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele [do poder] se pode ter se originam nessa produção.” (Foucault, 2014, p. 189). Trata-se, portanto, de incutir um ideal de pessoa e de sociedade, de conduzir a conduta, pois, segundo Santos (2019, p. 238), “[...] a governamentalidade constrói-se na mente dos sujeitos”.

Passemos então a considerar a segunda (e última) imagem (Figura 2) de mulher idosa presente na obra.

Figura 2 – A mulher idosa/Atividade utilizando o dinheiro



Fonte: Dante (2017, p. 28; Jótah Ilustrações).

A Figura 2 mostra uma senhora realizando troca de moedas por cédulas na padaria de Júlio. Chamamos atenção mais uma vez para as marcas identitárias que caracterizam o “sujeito-idoso”, como, por exemplo, o uso do dinheiro “vivo” – particularmente de moedas –, reforçando a imagem de alguém distante dos recursos tecnológicos, o que permite associar a idosa a uma pessoa analógica, ultrapassada, que desconhece o uso dos recursos mais “atuais” de pagamento, como o cartão de crédito, Pix ou celular, e, por isso, paga em espécie. É fato que a imagem poderia ter sido representada por alguém mais jovem, porém, tal representação fugiria à normalidade instituída.

Nessa mesma perspectiva, vimos novamente na imagem um corpo com certo sobrepeso, os cabelos acinzentados, mas, acima de tudo, uma postura “arqueada”, fato que remete à imagem de alguém já debilitado, sem agilidade, que possui dificuldades em seus movimentos. Tal imagem evidencia um controle disciplinar do corpo que “[...] não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definidos; impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e rapidez”. (Foucault, 2014, p. 149). Em consonância com o modo como ao corpo do sujeito são associados gestos e marcas, Oyěwùmí (2021, p. 40) argumenta que ao corpo “[...] é dada uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, podem-se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas”.

Se pode parecer preciosismo analisar questões como as que trazemos, argumentamos contrariamente que é justamente por questões supostamente “pequenas”, como essas “pequenas” marcas identitárias, que Foucault (2010) propõe a análise do poder em sua ordem capilar e da microfísica. É por situações como esta

que ele propõe analisar o poder pela periferia, e não pelo centro, em ordem ascendente, dos pequenos poderes para os mais amplos, e não o contrário, visto que são nesses ambientes que ele, o poder, circula e produz significados.

Ao considerar as marcas que constituem a mulher idosa nos livros didáticos de Matemática, não estamos negando um processo biológico por meio do qual, por exemplo, os cabelos branqueiam ou há uma perda natural da visão. O que tensionamos são as razões de homogeneização, de generalização, e as naturalizações, por meio das quais se estabelece um padrão, constroem-se algumas representações em detrimento de outras, institui-se um verdadeiro, como se não houvesse nada de diferente, desconsiderando a possibilidade de que, uma vez estabelecidas, tais concepções induzam à exclusão e à prática do etarismo.

Talvez até esse momento do texto o leitor não tenha percebido que à senhora da Figura 2 nem mesmo é atribuído um nome, enquanto na Figura 1 é denominada Dona Elvira. Ora, não seriam porque os nomes são característicos de uma época, e, nesse sentido, esse nome em específico, presente no texto da atividade, é utilizado também como mais uma marca de sua “velhice”?

Desta forma, para além do que possam parecer “questões menores”, questionamos essa representação que ora estigmatiza, criando estereótipos atrelados a uma cultura da performatividade, e que ora invisibiliza a mulher idosa. Trata-se, portanto, de evidenciar que tais características não são construídas fora, mas dentro do discurso: “[...] elas emergem do interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma identidade idêntica, naturalmente constituída [...]” (Hall, 2014, p. 109).

Nesse sentido, cabe ressaltar ainda que não buscamos questionar se as marcas identitárias presentes nos elementos que analisamos são verdadeiras ou falsas, boas ou ruins, mas sim tensionar as razões de sua existência e evidenciar que, diferentemente do sentido tradicional de identidade como algo único/fixo, “[...] uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.” (Hall, 2014, p. 110), entendemos esta identidade como flexível, mutável e sensíveis às relações de poder – uma vez que não se pode dele escapar –, ajustando-se a cada movimento na rede.

Considerações Finais

Ao propormos a escrita deste artigo, buscamos analisar e descrever a forma como a mulher idosa é representada nos livros didáticos de Matemática. Apoiados nos conceitos de relações de poder, governo e cultura da performatividade,

evidenciamos a forma como o corpo e a mente dos sujeitos são tomados por um controle da conduta que visa a eficiência máxima, instituindo marcas identitárias que selecionam, hierarquizam, determinam o dentro e o fora e instituem um modo de ser/ver a mulher idosa em nossa sociedade. Em outras palavras, se estabelece um governo da vida, de si e do outro.

A análise dos dados aponta práticas no livro didático de Matemática que vão além dos conteúdos específicos, adentrando também o campo do governo e da produção de sujeitos, fato que se agrava ao se considerar que a obra está destinada a crianças em seus primeiros anos escolares, e, portanto, mais suscetíveis ao governo por meio dos currículos e dos discursos que estes fazem circular.

Ao investigar a presença de mulheres idosas na obra, identificamos apenas duas imagens em toda a coleção e evidenciamos o modo como estas são apagadas/invisibilizadas. Tal fato chama atenção, uma vez que é contraditório à sua presença marcante na sociedade, ao papel que desempenham e a uma crescente expectativa de vida nos últimos anos, o que parece estar passando despercebido aos olhos dos formuladores de políticas públicas do LD.

Entendemos que tal invisibilidade visa atender a uma cultura de valorização da juventude, à qual estão destinados os holofotes e os postos de trabalho em um competitivo mercado de trabalho, do qual estarão excluídos aqueles que não estão assinalados discursivamente nas categorias padrão, os distanciados que não possuem idade, aparência, grau de instrução, etnia, entre outras características desejáveis.

Se inicialmente nossa análise considera o modo como o livro didático exclui a mulher idosa das representações sociais presentes na obra analisada, ao investigar qualitativamente as poucas imagens apresentadas observamos marcas identitárias que apontam para um estereótipo da mulher idosa como pessoa em decadência física e social, cabelos brancos, sobrepeso, visão prejudicada e corpo arqueado, o que sugere um corpo mais lento, frágil e comprometido, razões pelas quais esta não poderia mais ser vista como produtiva em um mercado tão competitivo, e, estando fora do mercado de trabalho, deverá sentir-se feliz em realizar tarefas ligadas ao lar e ao cuidado com família, especialmente os netos.

Ora, certamente que, uma vez internalizado na população “aquilo que se deve enxergar” nas mulheres idosas, naturalizam-se o gesto e o olhar e constituem-se na mente da criança uma identidade fixa e única sobre essas mulheres e os critérios de seleção e exclusão que serão acionados sempre que necessário.

Em outras palavras, as crianças são “instruídas” a compreender em que consiste e qual é o lugar destinado à mulher idosa em nosso país. Talvez seja mais correto dizer um “não lugar”, uma vez que ela é excluída de quaisquer espaços reservados ao jovem ou à população considerada produtiva pela racionalidade neoliberal, como o mercado de trabalho ou lazer, para os quais sua saúde física já não seria mais condizente.

Ao considerar que os livros didáticos de Matemática estão inseridos em um programa nacional (PNLD), sendo amplamente revisados por autores, editoras e avaliados por um grupo de especialistas instituídos pelo MEC, entendemos que os discursos que estes fazem circular produzem regimes de verdades particularizantes, que têm como alvo o estudante e como objetivo “formar peritos” na identificação de marcas que distinguem a mulher idosa do restante da população.

Sob essa ótica, e imersos na cultura da performatividade, produz-se um efeito perverso de bipartição das diferenças de tal modo que o vigor físico se sobressaia à experiência, o novo sobre o antigo, o sujeito mais jovem à pessoa idosa, abrindo espaço ao etarismo.

Aliás, este é mais um ponto importante a se considerar nessa pesquisa: o modo como as relações de poder encontram estratégias “sutis” para contornar as políticas de avaliação do livro didático, uma vez que, mesmo sendo explicitamente reprovado por documentos oficiais, como o Estatuto do Idoso e a BNCC, o etarismo parece passar despercebido aos “olhos” do MEC e dos avaliadores do PNLD.

Se entendermos, porém, que o gênero e a idade – bem como suas marcas – não estão por definição restritos ao campo biológico ou à cronologia da vida, mas são frutos de construções discursivas veiculadas nos espaços de poder – sendo a escola um destes espaços – e como tal podem ser ressignificados, ajustados, modificados, reformulados, excluídos ou substituídos, poderemos suscitar/estabelecer diálogos e afetos nos ambientes de formação de professores, nos espaços escolares, acadêmicos e de produção dos currículos, a fim de superar uma “bio-lógica” e produzir novas significações, novos modos de ver/ser uma mulher idosa no Brasil e no mundo.

Referências

BALL, S. J. Profissionalismo, Gerencialismo e Performatividade. ***Cadernos de Pesquisa***, v. 35, n. 126, p. 539-564, set./dez. 2005.

BALL, S. J. Educação Global S. A.: ***novas redes de políticas e o imaginário neoliberal***. Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: UEPG, 2014, 270 p.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina/Pierre Kühner**. 11^a ed. Tradução: Maria Helena Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: Bourdieu, 2012, 160p.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília: 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 15 jan. 2023.

BUJES, M. I. E. Descaminhos. In: Costa, M. V. **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. Revisão técnica Carla Rodrigues. 1^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DANTE, L. R. **Ápis Matemática, 2º ano: ensino fundamental anos iniciais / Luiz Roberto Dante**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução Maria Ermantina Galvão. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GOLDANI, A. M. Desafios do “preconceito etário” no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, abr.-jun. 2010.

GROSSBERG, L. **Identity and Cultural Studies: is that all there is?** HALL, S; DU GAY, P. (Eds.) Questions of cultural identity. London: Sage, 1997. p. 87-107.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 137p.

Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística (IBGE). **Pirâmide Etária 2023. Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do Cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro; 19(1): 15-22, jan/abr., 2007.

MACNICOL, J. **Age discrimination: an historical and contemporary analysis**. Cambridge: Cambridge University, 2006.

Ministério Da Educação (MEC). Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2019**. Brasília: MEC, 2017[a].

Ministério Da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017[b]. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 28 fev. 2023.

NETO, V. F; GUIDA, A. M. A Constituição do Sujeito-Mãe nos Livros Didáticos de Matemática da Educação do Campo. **Revista UFSM Educação**, Santa Maria, v. 45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao>. Acesso em: 20 dez. 2022.

Ó, J. R. do. A Governamentalidade e a História da Escola Moderna: outras conexões investigativas. **Revista Educação e Realidade**, 34(2): 97-117, Mai/Ago. 2009.

OYĚWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução: Wanderson flor do nascimento. – 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PASSOS, E; BARROS, R. B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

ROMFELD, V. S. **As raízes do patriarcado: contribuições teóricas sobre a violência contra as mulheres no Brasil**. Captura Críptica: direito, política, atualidade, Florianópolis, n. 4, v. 2, jan./dez, 2015. p. 215-229.

SANTOS, J. W. **Os Currículos de um Curso de Licenciatura em Matemática: um estudo de caso sobre as mudanças ocorridas no período de 2000 a 2010**. 159 p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande/MS, 2011.

SANTOS, J. W. dos. **Relações saber-poder: Discursos, Tensões e Estratégias que (re)orientam a constituição do Livro Didático de Matemática**. 267p. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande/MS, 2019.

SANTOS, J. W. **Corredores e Porões: uma análise das relações de poder na constituição dos livros didáticos de Matemática**. Curitiba: Appris, 2021.

TONINI, I. M. **Identidades Capturadas Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia**. 139p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 2002.

Submetido em maio de 2024

Aceito em setembro de 2024